

Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente e Desenvolvimento
UNCED

Sessão especial: "Leadership Dialogue"

Intervenção de Maria de Lourdes Pintasilgo

Rio de Janeiro
4 de Junho, 1992

1. O grande desafio da Conferência do Rio não está unicamente nas ^{dificuldade de encontrar} ~~soluções que venham a ser encontradas~~ nem nas contradições entre as posições do Norte e do Sul. Está sim no facto que a Conferência do Rio fecha uma era e tem a ambição de inaugurar outra.

A era que termina traduzia-se num pensamento linear, numa relação biunívoca entre causa e efeito. Tratava-se de um mundo regido por leis deterministas e imutáveis em que o termo de todos os processos era ilimitado. Das leis físicas do mundo só se percebia a sua unidade dialéctica, que, no máximo, jogava com duas entradas de cujo confronto resultaria a síntese de progresso.

Segundo essa lógica, os problemas eram isolados numa só disciplina; a óptica de resolução era sectorial; as instituições, nacionais e internacionais, eram compartimentadas.

2. Ora o mundo em que nos encontramos não é mais esse. É, cada vez mais, um mundo caracterizado por uma unidade não de oposição mas de sistemas que funcionam simultaneamente como causa e efeito, que se conjugam, se anulam ou se amplificam. Daí a exigência, sob pena de fracasso de soluções ou de conflitos



negociais intransponíveis, de:

- uma análise interdisciplinar dos problemas;
- um tratamento intersectorial das questões societais;
- uma reestruturação integrada das instituições.

3. Essa exigência está presente na Conferência do Rio. A equação ambiente/desenvolvimento, que a Conferência definitivamente consagra, insere-se num nexu mais amplo que não hesito em chamar "nexo-da-sobrevivência". São elementos também desse nexu:

- a luta contra a pobreza, na trágica consciência de que um bilião de seres humanos vivem abaixo da pobreza absoluta;
- a contensão do crescimento populacional, de modo a assegurar que todos os homens e mulheres tenham condições de uma existência digna;
- a contribuição da ciência e da tecnologia para a articulação destes quatro vectores, nas suas consequências políticas, económicas e geo-estratégicas.

4. Neste nexu, estamos já não perante duas mas sim perante múltiplas entradas. Qualquer problema só pode ser realistamente equacionado tendo em conta todos os outros. Assim, só pode falar-se de "ajuda ao desenvolvimento" quando essa ajuda é parte de um plano integrado que contempla a pobreza, o ambiente, a população e as escolhas tecnológicas.

Do mesmo modo, as políticas ambientais ficariam limitadas

enquanto políticas estritamente sectoriais. Elas só se podem encontrar no cruzamento das políticas industriais, urbanísticas, do combate à pobreza, do crescimento económico e da sua orientação, avaliação e controle.

Por seu lado, o combate directo à pobreza é a base mesma de um desenvolvimento sustentado. E, para isso, os factores indispensáveis de estabilização macro-económica e de redistribuição por via fiscal já não são suficientes. As políticas de desenvolvimento só por si não têm possibilidade de reabsorver a pobreza maciça da maior parte das sociedades. São necessárias estratégias a um tempo sociais e económicas, especifica e directamente dirigidas à pobreza. São essas estratégias que vão influir decisivamente no ambiente, na população, no desenvolvimento global da sociedade.

Finalmente, o crescimento da população - que é resultado da *intensificação do* ~~créscente~~ sub-desenvolvimento, da pobreza absoluta e da ausência de escolaridade - condiciona, por seu turno, todos os outros vectores na sua própria raiz. Poderá conduzir à explosão ecológica do planeta, tornar inviável uma qualidade de vida humana digna para todos os habitantes da terra, aumentando ainda mais drasticamente o número de pessoas que vivem em pobreza absoluta e tornando o sub-desenvolvimento intransponível.

5. Como factor de inter-ligação entre todos os grandes problemas que integram o "nexo-da-sobrevivência", encontramos as escolhas ou as imposições tecnológicas que caracterizam cada sociedade.

Na pobreza absoluta, a tecnologia não intervém senão nas suas consequências mais desastrosas: na marginalidade que criam

as mega-cidades ou na acumulação dos resíduos e desperdícios das grandes aglomerações e das unidades industriais.

No outro extremo da escala económica, a tecnologia introduz sem cessar necessidades artificiais; subordina as relações inter-pessoais às mediações técnicas; estabelece o quadro para um consumismo sempre ávido de mais e de novidade.

Sobre tais premissas edificam-se as sociedades não solidárias que não aceitam mais cargas fiscais permitindo canalizar para o Sul maior ajuda ao desenvolvimento. Tendem a fechar-se dentro dos seus muros, através de formas económicas e sociais de proteccionismo.

6. A ciência e a tecnologia intervêm ainda neste nexos sob duas outras formas.

Pela primeira vez na história, a ciência e a tecnologia têm em si mesmas os seus próprios limites. É que, neste fim de século - lembra entre outros Ilya Prigogine -, "somos cada vez mais numerosos os que pensamos que um grande número de processos fundamentais que modelam a natureza são irreversíveis. [...] A mudança é tão profunda que podemos falar de um novo diálogo do homem com a natureza." Assim, por exemplo, o princípio de que "o poluidor paga", se é um ponto de partida de justiça, é uma ilusão - revela ainda a permanência de um mundo em que os fenómenos são reversíveis.

A tecnologia está presente também através daquilo a que eufemisticamente chamamos "transferência de tecnologia" e que é na realidade uma operação de mercado como qualquer outra. Se o não fora, só a teimosia justificaria a persistência do problema



sobre a propriedade intelectual no Uruguay Round.

Não é admissível pensar, dentro da ética que supõe o "nexo-da-sobrevivência", que os países do hemisfério Sul vão utilizar tecnologias obsoletas e poluentes do hemisfério Norte.

Pelo contrário, um verdadeiro entendimento das exigências de uma nova era conduzirá a procurar rapidamente as condições de aplicação das mais recentes tecnologias ao hemisfério Sul, permitindo que 80% do planeta faça o curto-circuito de 200 anos de industrialização poluente.

Uma das soluções seria, como o propôs há poucos dias Miguel de la Madrid, no Conselho de Interação de ex-chefes de Governo, a conjugação da venda de tecnologia e de um subsídio adequado, destinado a tornar acessível a compra da nova tecnologia pelos países mais pobres.

7. Nesta perspectiva, é infundada a preocupação de alguns cientistas sobre as consequências da protecção do ambiente no progresso científico.

Pelo contrário, a complexidade das inter-ligações e a resolução de questões societais com múltiplas entradas exigem dinamismo na investigação científica e fórmulas originais para problemas de múltiplas equações a múltiplas variáveis.

8. Os princípios afirmados no projecto da Declaração do Rio adquirem, neste contexto, o seu sentido pleno. Cabe-nos agora encontrar os mecanismos adequados à sua concretização.

Por um lado, o "nexo-da-sobrevivência" exige uma política global não só a plano nacional mas também internacional. Ora,

falta-nos no plano internacional um forum que, a esse nível, possa definir globalmente a política que o "nexo-da-sobrevivência" requer. Esse forum terá necessariamente de incorporar elementos de supra-nacionalidade, como o disseram os 22 chefes de Estado na reunião de Haia de 89. (O que significa não uma cedência de soberania mas, pelo contrário, uma soberania alargada e reforçada.)

Por outro lado, a Cimeira da Terra encetou um processo de consciência planetária que já não pode parar. Nele participam não só os representantes governamentais mas também as forças vivas da sociedade civil.

A novidade sociológica-política da Conferência do Rio é a de ser a primeira manifestação à escala mundial da multiplicação dos sujeitos e da pluralidade das perspectivas que surgem quando problemas societais são enunciados na sua interconexão.

No momento em que muitas sociedades põem a questão da identidade e da cidadania, a Conferência do Rio vem re-afirmar a emergência de uma identidade e de uma consciência planetárias.

Para além dos nacionalismos, exprime-se aquela realidade humana a que profeticamente Theillard de Chardin chamou "noosfera", esta camada de seres humanos que, tal como a biosfera e a atmosfera, envolve o cerne duro do planeta e com ele inter-actua. Mas, diferentemente da biosfera e da atmosfera, na "noosfera" reside a consciência e a responsabilidade. Como vamos responder a uma e ^{exercer} a outra?

As actividades que se sucedem no outro lado da cidade, ^{no forum} *Global*, testemunham uma resposta maciça dos mais diversos grupos a essa tomada de consciência.

Resta-nos o exercício da decisão responsável, tanto a nível do poder político como a nível das escolhas diárias dos cidadãos.

Os limites da ciência e da tecnologia, o carácter finito do planeta exigem paralelamente uma auto-disciplina de todos nós, na fidelidade actualizada às grandes tradições espirituais que nos habitam e nos unem.

A responsabilidade que assim assumimos é o nosso compromisso para com as gerações futuras.



Fundação Cuidar o Futuro

